

## CINEMA DE BATOM POR MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

### Edital Carmen Santos inspira um olhar retrospectivo sobre o crescimento do cinema de mulheres no Brasil

**A produção audiovisual dirigida** por mulheres, o "cinema de batom", ganha seu primeiro apoio oficial no Brasil. A Secretaria do Audiovisual - MinC uniu-se à Secretaria de Políticas para as Mulheres, da Presidência da República, na criação e lançamento do Edital Carmen Santos de Apoio à Produção Audiovisual de Mulheres - 2013.

As diretoras premiadas pelo edital deverão realizar médias-metragens de 26 minutos (cada uma receberá R\$ 80 mil) ou micrometragens de até 5 minutos (prêmio de R\$ 40 mil cada). Todos os trabalhos premiados serão distribuídos pela Programadora Brasil e exibidos em rede pública de TV.

O Edital Carmen Santos - que homenageia a pioneira e grande atriz (do mameano *Argila*), diretora (*Inconfidência Mineira*) e produtora (da Brazil Vita Filmes) - pretende premiar projetos audiovisuais de ficção, documentário ou animação, em quaisquer suportes. No campo temático, o primeiro edital dedicado ao cinema feminino deseja estimular o debate público através de realizações que "abordem de forma criativa e inovadora a identificação das desigualdades e discriminações vividas pelas mulheres". E mais: "Os conteúdos devem levar em conta a diversidade das mulheres e as realidades urbana e rural" - incluindo, claro, a mulher camponesa e as habitantes da floresta (indígenas e povos tradicionais)".

Projetos que trouxerem mulheres ocupando, além da direção, funções de roteirista, produtora, fotógrafa, técnica de som, diretora de arte e montadora ganharão ponto extra. Mesmo caso para projetos apresentados por proponentes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste que realizem os filmes em seus estados de origem.



## Um novo tempo

No momento em que o país tem uma mulher na presidência da República e uma ministra no comando do MinC, nada mais natural que apostar no desenvolvimento do cinema feminino. Mesmo que ele hoje conheça florescimento tardio, mas significativo.

O pesquisador Luiz Felipe Miranda, autor do *Dicionário de cineastas brasileiros* (Art Editora, 1990) e coorganizador, com Fernão Ramos, da *Enciclopédia do cinema brasileiro* (Ed. Senac, 2000), calcula que entre os anos de 1897 e 1999 filmaram no Brasil quase 950 diretores. Quantas seriam as assinaturas femininas entre esses nomes? “Não chegam a 200”, afirma Luiz Felipe. Ou seja, no máximo um quinto do total. Ele lembra que “somente em 1930 apareceu nossa primeira realizadora, Cleo de Verberena, a única mulher diretora brasileira de uma fita muda, *O mistério do dominó preto*”.

Depois de Verberena, nos anos 1940, 50 e 60, poucos nomes femininos apareceram. O dado é perturbador: “entre 1930 e o final dos anos 1960, apenas seis diretoras conseguiram realizar seus longas-metragens”, assinala o pesquisador. A partir da década de 70, a situação começou a melhorar. Os dados revelados pelo *Dicionário de cineastas brasileiros* nos mostram que as décadas de 1970, 80 e 90 foram bem promissoras. Estrearam mais de 10 realizadoras em cada um destes três decênios.

No século XXI, com a conquista de direitos femininos já avançada e com o advento das novas tecnologias digitais, o “cinema de batom” começou a se fazer cada vez mais presente. Estrearam mais mulheres na realização cinematográfica nos últimos 13 anos do que a soma das décadas de 1930 a 1990. Se naquelas sete décadas do século XX estrearam pouco mais de 50 realizadoras, dados preliminares indicam que, nos últimos 12 anos, mais de 120 mulheres dirigiram seus longas-metragens.

## Luta pioneira

Carmen Santos, que nomeia o primeiro edital de fomento à produção feminina, simboliza com todos os méritos a luta das mulheres para se fazerem presentes num mundo,

o cinematográfico, essencialmente masculino. Ela iniciou seu primeiro (e único) longa-metragem como diretora, *Inconfidência Mineira*, em 1938. Só conseguiu terminá-lo em 1943. Além dela, a década de 1940 conheceu apenas mais uma diretora, a também atriz Gilda Abreu, autora de três títulos: *O ébrio* (1946), *Pinguinho de gente* (1947) e *Coração materno* (1949).

Os anos 50 foram muito difíceis para a turma do “cinema de batom”. Só duas representantes do sexo feminino conseguiram realizar seus filmes: Maria Basaglia e Carla Civelli. Basaglia, que com *O pão que o diabo amassou* (1957) construiu metáfora do que deve ter passado para dar conta de sua ousadia, só faria mais um filme: *Macumba na alta* (1958). Civelli dirigiu apenas um título, *Um caso de polícia* (1959).

O momento mais trágico nessa história se dá justo nos anos 1960, quando o Cinema Novo alcançou prestígio internacional. A década de ouro de nosso cinema autoral é inegavelmente masculina. Só uma diretora, a obscura Zélia Costa, conseguiu assinar um filme: *As testemunhas não condenam* (1961).

Os anos 70 constituem-se num divisor de águas. Treze realizadoras abriram picadas e conquistaram espaço significativo. Algumas delas entraram no mercado dispostas a quebrar tabus. São os casos de Tizuka Yamasaki e Ana Carolina. As duas vieram para ficar – e destruir a síndrome que sempre atormentou o cinema de mulheres: a superação do primeiro (no máximo segundo) filme. Tizuka e Ana Carolina formam com uma estreante dos anos 80, Lúcia Murat, o trio mais produtivo do cinema feminino brasileiro.

Nos anos 80, 11 novas diretoras realizaram seus filmes. Uma delas, a festejadíssima Suzana Amaral, causou sensação com seu fascinante *A hora da estrela* (1985), que rendeu um Urso de Prata de melhor atriz à paraibana Marcélia Cartaxo. Tetê Moraes foi outra estreia feminina que chamou atenção na década de 80. Se Suzana Amaral brilhou na ficção, Tetê optou pelo documentário. *Terra para Rose* (1987), um clássico da luta pela posse da terra no Brasil, conquistou o Grande Prêmio Coral no Festival de Havana e rendeu 10 anos depois uma sequência, *O sonho de Rose*.

Suzana Amaral no set de filmagem de

A hora da estrela, observada por Marcélia Cartaxo.

## Crise e superação

A década de 90, que começou sombria com o desmonte do cinema brasileiro promovido pelo Governo Collor, paradoxalmente, mostrou significativo fortalecimento do “cinema de batom”. Dezenove diretoras fizeram sua estreia no longa-metragem. E coube a Carla Camurati inaugurar o ciclo da Retomada, com *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*. Sandra Werneck, que estreou um ano depois de Carla, conseguiu transformar a comédia romântica *Pequeno dicionário amoroso* (1996) em outro sucesso. E veria, oito anos depois, seu segundo longa, *Cazuza – O tempo não para*, codirigido por Walter Carvalho, transformar-se em *blockbuster* (3 milhões de ingressos).

Daniela Thomas, cenógrafa de imenso prestígio nos palcos brasileiros, iniciaria, em 1996, fértil parceria cinematográfica com Walter Salles. A atriz carioca Ana Maria Magalhães, uma das musas do Cinema Novo, que fizera em 1976 um delicioso documentário de média-metragem sobre a presença feminina no cinema brasileiro, *Mulheres de cinema*, também construiria uma carreira dividida entre a ficção e os documentários. Monique Gardenberg, baiana radicada no Rio, realizou um curta e dois longas antes de assinar *Ópaí, ó* (2007), uma de nossas mais instigantes tentativas de se fazer cinema popular de qualidade.

Para a crítica cinematográfica, a estreia mais festejada da década de 90 foi a da paulistana Tata Amaral, com *Um céu de estrelas* (1996). A crítica prestigiou também as estreias de Eliane Caffé e Laís Bodanzky.

No terreno do documentário, dois nomes com trânsito internacional conquistariam espaço nobre nas fileiras do cinema de mulheres: Helena Solberg, que realizara uma série de médias-metragens na América Hispânica antes de fixar sua obra no Brasil, e Maria Augusta Ramos, que vive entre o Brasil e a Holanda.

## Terreno fértil

Várias realizadoras venceram recentemente alguns dos mais importantes festivais do país. Outras, como Lina Chamie, estão derrotando com galhardia a síndrome do primeiro filme. Mariana Caltabiano assinou o primeiro



longa brasileiro em 3D, a animação *Brasil animado* (2010). A nova investida no filão popular das cinebiografias musicais terá uma mulher no comando: Denise Saraceni vai dirigir *Pixinguinha*, contando com o maior orçamento já disponibilizado a uma diretora no Brasil: 14 milhões de reais.

O cinema de mulheres tem se espalhado pelos diversos estados brasileiros. Há mulheres filmando majoritariamente no eixo Rio-São Paulo, mas também no Sul (Ana Luiza Azevedo, Ana Johann, Lílina Sulzbach, Cíntia Langie, Carolina Berger), no Centro-Oeste (Érika Bauer, Cibele Araújo, Tânia Montoro), no Nordeste (Renata Pinheiro, Mariana Brennand Fortes, Luci Alcântara, Cecília Amado, Roberta Marques) e em outros estados do Sudeste (Clarissa Campolina, Marília Rocha, Joana Oliveira).

O Edital Carmen Santos do MinC chega em momento de grande efervescência para o “cinema de batom”. Ele será útil para revelar memórias e registros contemporâneos das lutas femininas. E também para trazer à tona novos talentos. Semeará em terreno fértil. ■

**Maria do Rosário Caetano** é jornalista e pesquisadora, autora de Cineastas latino-americanos - entrevistas e filmes, de três volumes da Coleção Aplauso (sobre João Batista de Andrade, Fernando Meirelles e Marlene França) e organizadora de *Cangaço, o nordestem no cinema brasileiro* e *Paulo Emilio - o homem que amava o cinema e nós que o amávamos tanto*.